

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)

INSTITUTO DE HUMANIDADE - IH

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU

Pedro Lázaro Oliveira da Silva

A censura imposta a música durante o regime militar e as consequências do AI –

5

Acarape – Ce

2021

Pedro Lázaro Oliveira da Silva

A censura imposta a música durante o regime militar e as consequências
do AI – 5

Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ruben Franklin Maciel

Acarape – Ce

2021

A censura imposta a música durante o regime militar e as consequências
do AI – 5

Projeto de Pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades
do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como pré-requisito
para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ruben Franklin Maciel

Resumo

Este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar a censura na música no período em que o regime militar esteve em vigor, sobretudo, após o ato institucional número 5 (AI-5), sancionado por Costa e Silva, no dia 23 de dezembro de 1968. Procuramos entender como o ato em vigor influenciou a produção de músicas. Nosso foco será o cantor e compositor Chico Buarque de Holanda, mas não esquecendo de nomes como Geraldo Vandré, Gilberto Gil, entre outros. Por meio de uma análise de canções e também da bibliografia busco entender o que foi a ditadura para a comunidade dos músicos da época e ainda o contexto social sentido por todos. Além disso, tentaremos observar como a criação e circulação de certas canções tiveram impacto na sociedade civil e como as mesmas conseguiram driblar os mecanismos de censura.

Palavras chaves: Regime militar. Ato Institucional Número 5 (AI – 5). Música. Ditadura. Chico Buarque.

Sumario

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. JUSTIFICATIVA.....	9
3. OBJETIVOS.....	11
3.1. Objetivo Geral.....	11
3.2. Objetivos específicos.....	11
4. PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
5. REVISÃO BIBLIOGRAFICA.....	15
6. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	18
7. MÉTODOS.....	21
8. CRONOGRAMA.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 Introdução

Este projeto tem por objetivo demonstrar como o compositor Chico Buarque conseguiu burlar a censura da década de 70 através através das letras de músicas com mensagens ambíguas e utilização de pseudônimos. Em sua canção “Jorge Maravilha”, lançada em 1974, sob o pseudônimo de Julinho, Chico teria criado uma personagem para driblar a censura da época. Os versos “você não gosta de mim, mas sua filha gosta” que parecia ser uma relação conflituosa de sogro, genro e filha, foi usado como uma provocação ao então General do exército Geisel que odiava Chico e sua filha, Amália Lucy, que havia declarado ser fã do compositor.

“Apesar de você” foi uma canção lançada no ano de 1978. Já em seu início os versos “*Hoje você é quem manda falou, ta falado não tem discussão, não*” Chico começa lembrando que você é quem manda se referindo a outro/a pessoa, quando perguntado na entrevista do Tarso de Castro quem seria pessoa, o mesmo respondeu que seria sua namorada, uma pessoa mandona na visão dele. Ainda falando sobre a censura, o compositor disse “Não, que eu mandei pra cá não houve censura, não. A censura braba começou depois de “Apesar de você”. Continuando, nos versos da música o compositor fala “A minha gente hoje anda, falando de lado, e olhando pro chão, viu”, Chico dá dicas de como o povo anda se sentindo com a repressão, falando de lado é uma alusão ao fato do governo não poder saber o que eles andam conversando, e, olhando pro chão são as pessoas que não tem mais seu direito a liberdade, aqueles que estão se escondendo dos olhares dos militares, reprimidos.

A ditadura militar brasileira de 1964 caracterizou-se pelas perseguições policiais, pela repressão aos que eram contra o golpe militar, pela censura, supressão dos direitos constitucionais e pela falta de democracia. (Ditadura..., 2014). Após a renúncia de Jânio Quadros em 1961, o país se encontrava agora em uma crise política. O governo de João Goulart (1961-1964) trouxe consigo a abertura para movimentos sociais. Estudantes e trabalhadores ganharam espaço, deixando assim os mais conservadores com medo de uma possível virada política. O medo era real pois neste período o mundo vivia o auge da [Guerra Fria](#) (disputa política, militar, tecnológica e econômica entre os EUA capitalista e a URSS socialista). O medo dos banqueiros, empresários e outros era de que

o Brasil se tornasse um país socialista/comunista. Esta disputa entre os capitalistas e comunista deixou o mundo em uma grande dicotomia, onde um acusava o outro de arma um golpe de estado.

Em 9 de abril, foi decretado o Ato Institucional Número 1, AI-1, que dava o poder aos militares de cassar os mandatos políticos da oposição ao regime militar e tirar a estabilidade dos funcionários públicos. (Ditadura..., 2014). Humberto Castelo Branco chegou ao cargo de Presidente e usou de seu poder para dissolver os partidos, constituindo o bipartidarismo, com o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e Aliança Renovadora Nacional (ARENA). A ideia seria de aparentar a existência de uma oposição, porém, essa jogada não passava de uma fachada já que os militares controlavam ambos os partidos. A sociedade como um todo sofreu...

A liberdade de expressão e de organização era quase inexistente. Partidos políticos, sindicatos, agremiações estudantis e outras organizações representativas da sociedade foram suprimidas ou sofreram interferência do governo. Os meios de comunicação e as manifestações artísticas foram reprimidos pela censura. (DITADURA..., 2014).

Não somente os civis tiveram seus direitos constitucionais tirados, como os artistas seja dramaturgo, compositor, cantor e etc, não poderiam passar em suas obras qualquer ideia que fosse contra o atual governo.

Em 1968, os estudantes continuavam a ser os maiores inimigos do regime militar. Reprimidos em suas entidades, passaram a ter voz através da música (A música..., 2011). Usando desta grande fonte de informação e grito de resistência, os estudantes levavam a todo o país a esperança de um amanhecer melhor, com a liberdade que outrora eles tiveram.

Diante da força dos festivais da MPB, no final da década de sessenta, o regime militar vê-se ameaçado. A censura passou a ser a melhor forma da ditadura combater as músicas de protesto e de cunho que pudesse extrapolar a moral da sociedade dominante e amiga do regime. (A MÚSICA..., 2011)

Com a música se tornando cada vez mais uma forma de combate direto a autoridade dos militares, estes por sua vez, resolveram revidar de uma forma mais dura e direta. Criando então o Ato Institucional Nº 5, a MPB (Música Popular Brasileira) passou a sofrer com a censura da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), por onde deveriam previamente, passar todas as canções antes de executadas nos meios públicos. Esta censura prévia não obedecia a qualquer critério, os censores poderiam vetar tanto

por motivos políticos, ou de proteção à moral vigente (A música...2011). A partir deste fato toda e qualquer música escrita deveria antes ser analisada por este órgão do governo e somente se não fosse constatado nenhuma agressão ao regime militar ela poderia ir às rádios e ser cantada em festivais. A ditadura de fato, de acordo com pesquisadores, começou após a implementação do AI-5, que foi de 1968 à 1978, tendo assim uma década de censura e perseguição na música popular brasileira.

Os militares já tinham alguns nomes de “inimigos” do Estado, seriam eles: Caetano Veloso, Gilberto Gil e Geraldo Vandré. Esse pensamento surgiu antes mesmo do AI-5 ser imposto, já que o movimento tropicalistas traziam em suas letras uma contracultura do que era vivido na década de 70. As condições de produção e publicação de músicas ao longo do período militar se tornou algo desgastante e cada vez mais burocrático. Tal burocracia ainda parecia ser algo novo para o governo, já que mesmo sendo declaradamente contra letras que fossem no caminho oposto ao que pregavam, algumas ainda conseguiram passar pelo veto, seja pela letra ambigua ou ate mesmo a falta de percepção daqueles que estavam responsaveis pelas correções/modificações que as letras deveriam ter. Vale citar que o golpe de 1964 foi marco para toda uma história, não somente falando da República Federativa do Brasil, como também das Américas.

À luz dos seus próprios critérios civilizacionais, um padrão evolutivo foi irrecuperavelmente quebrado pelas elites condominadas em 1964. Mesmo para os padrões brasileiros de civilização, pode-se dizer que a Ditadura abriu as portas para uma reversão na qual Norbert Elias poderia quem sabe identificar o que chamou por vezes de verdadeiro processo descivilizador (ARANTES, 2014, p. 284-5).

Arantes não se referia ao que se passava no Brasil em sua obra, mas fazia refletir através de suas palavras o que muitos tiveram que vivenciar. O crescente processo de “descivilizador” que acontecia pode ser entendido como algo que levaria toda uma cultura a seu extermínio da própria criatividade por meio dos artistas e não somente deles, mas de um todo como nação, assim podemos ter uma visão do quão grave foi a ditadura e suas marcas deixadas.

2 Justificativa

A censura afetou diversos cantores durante o regime militar, entre eles o compositor Chico Buarque. Através da análise de suas músicas é esperado conhecer quais as estratégias lançadas pelos artistas no intuito de promover crítica e resistência aos militares. Não ficando apenas nesse aspecto, queremos também entender como os músicos lidaram com essa censura e que meios usaram para burlar o DCDP, e com isso avançarmos sobre o que foi a censura do ponto de vista dos compositores.

Com isto em foco, este trabalho tem a pretensão de estudar um tema não muito abordado, mas que pode ser de grande serventia para trabalhos futuros e até mesmo para entender um pouco mais sobre o que foi o regime militar e como este influenciou a criação de obras da música, teatro e o cinema. Chico disse “a ditadura encheu bastante meu saco, mas eu também enchi o saco deles”¹. Demonstrando assim um pouco do que foi o trabalho do DCDP, que tinha como função barrar músicas que demonstravam letras que iriam contra o regime militar, exemplo de algumas seriam: “Apesar de você”, “Jorge Maravilha” e “Cálice”, entre outras e de diferentes compositores.

No século XX, na região da América Latina o exército acabou por assumir o controle de alguns países, não de uma forma harmoniosa, longe disso. O que se viu foi momentos de dor e sofrimento por toda uma população em que o regime militar operou. Estudar o regime ocorrido nos anos de 1965 a 1985, se faz relevante para que se possa compreender o que de fato aconteceu nesse momento histórico, é de suma importância conhecer os fatos desse período que deixaram uma marca tão brutal na memória de todos que a experimentaram. José Reginaldo já falou que “o passado é visto como uma referência que deve ser usada e reinterpretada no presente e com propósitos futuros” Gonçalves (1996 p. 52).

Chico Buarque de Holanda teve letras de canções vetadas por conterem mensagens que iam contra as ideias defendidas por aqueles que estavam no poder. Não somente Buarque, artistas como Gilberto Gil, Caetano Veloso e Geraldo Vandré foram perseguidos durante todo o regime que se instaurou.

Tendo silenciado e asfixiado Geraldo Vandré, os militares elegeram o seu novo inimigo do regime: Chico Buarque de Hollanda. No período que durou a censura e o regime militar, Chico Buarque foi o compositor

¹ CHICO BUARQUE E A DITADURA MILITAR, 2010. Brasil. **Youtube**, (02:53 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nWpurtrYnek> Acesso em: 06 Fev. 2021.

e cantor mais censurado. A sua obra sofreu respingos da censura em todas as vertentes, tanto nas canções de protesto, quanto nas que feriam os costumes morais da época. (LEE-MEDDI, 2011, Vermelho Portal s/n).²

Chico Buarque ainda iria protagonizar muitos embates com os militares. Situação bastante lembrada foi quando:

(...) o compositor enviou a música “Apesar de Você” para a aprovação da censura, tendo a certeza que a música seria vetada. Inesperadamente a canção foi aprovada, sendo gravada imediatamente em compacto, tornando-se um sucesso instantâneo. Já se tinha vendido mais de 100 mil cópias, quando um jornal comentou que a música referia-se ao presidente Médici. Revelado o arдил, o exército brasileiro invadiu a fábrica da Philips, apreendendo todos os discos, destruindo-os. Na confusão, esqueceram de destruir a matriz. (LEE-MEDDI, 2011, Vermelho Portal s/n).

Com o regime militar em pleno funcionamento e o DCDP barrando algumas letras de artistas mais conhecidos, que se opuseram a ausência de liberdade de expressão, surgiu assim um atrito entre artistas e o Estado. Dos anos de 1959 a 1969 a indústria musical nacional passou a produzir mais que nas décadas anteriores e isso chamou atenção de alguns empresários que viram o nascer de mais um grande mercado, onde os mesmos poderiam ganhar mais capital; já na década de 1950 chegava a população a mais nova criação revolucionária do modernismo: a TV logo que lançada no mercado fez com que se visse um crescimento em muitos mercados e nesse meio estava o musical, chegando ainda a competir em pé de igualdade com o rádio que até então dominava o meio de comunicação de massa. As emissoras de TV vendo que o crescimento do mercado da música estava em alta, investiu nisso e consolidou as bases do mercado nacional, conseguindo levar seu produto às mais diferentes faixas etárias, buscando novos públicos e querendo um lugar junto ao rádio.

As forças militares vendo essa crescente e percebendo algumas mensagens subjetivas que iam de encontro e se opunham aos costumes empregados aos que regiam o poder, começaram a pensar e articular maneiras de vetar tais canções. Após isso, todas as músicas que seguiram dali passavam antes por uma perícia para se analisar a existência de algum tipo de mensagem subliminar que poderia ou não ser uma afronta ao governo e, somente após essa vistoria completada a canção poderia ou não ser tocada nas rádios e programas televisivos.

² A MÚSICA BRASILEIRA E A CENSURA NA DITADURA MILITAR, 2011. Brasil. **Vermelho Portal**. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2011/07/28/a-musica-brasileira-e-a-censura-da-ditadura-militar/>. Visita em: 06 de Fev 2021.

Objetivos

Objetivo Geral:

- Compreender quais as consequências a censura levou as produções musicais da época de 1970 a 1980.

Objetivos Específicos:

- Analisar a letra das músicas de Chico Buarque de Holanda e entender como o compositor se utilizou da letra para passar uma mensagem a quem ouvia.
- Entender o que foi o ato institucional número 5 e como o mesmo influenciou nas letras musicais que saíram enquanto o mesmo esteve em vigor.

Problematização

Em qualquer pesquisa sobre esse tema se faz necessária uma maior atenção sobre as músicas lançadas durante a época em que o regime militar detinha o poder sobre o governo. Só assim poderemos entender um pouco o que se passava na época e como os autores buscaram realmente transmitir aos seus ouvintes a sua indignação com tudo o que se ocorria, seja na rádio local ou em um show ao vivo. Um ponto de maior relevância e que requer uma atenção especial é o ato institucional número 5, onde a partir do mesmo a repressão se tornou bem mais violenta.

Em meados de 1964 a 1985, o Brasil passou por um regime militar e assim os mesmos impuseram algumas regras mais rígidas para a sociedade vigente da época e, instauraram mecanismos de censura aqueles que se mostravam ser contra o regime. A música foi utilizada por compositores da época como ferramenta de circulação de letras que pregavam uma revolta contra aqueles que estavam no poder e não tinham uma maior consideração pelas massas populacionais no geral; criou-se assim uma maneira de incentivar o povo através das letras das canções a lutar pelos seus direitos, vale ainda citar que artistas como Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré que tiveram músicas barradas em seus CDs e até mesmo shows.

Saldanha (2013 p. 2) “Ao final do século XIX tem início a fusão de ritmos que se consolida nos gêneros musicais reconhecidos como brasileiros. *Batuques, lundus, maxixes, polcas, modinhas, marchas, dobrados, galopes e canções*” dessa fusão de ritmos surgiu o gênero que logo cairia na boca do povo como MPB grandes nomes desse gênero seriam ainda Gilberto Gil, Gonzaguinha, Milton Nascimento, etc.

O aparecimento de novos ritmos e novas letras se deve também uma maior diversidade no cenário nacional e local. Desta forma o Ato Institucional nº 5 (AI-5) teve uma maior dificuldade em interpretar tantas canções que agora chegavam ao público, ainda nessa mesma linha o cantor e compositor Chico Buarque de Holanda pode ser comparado a um jogador que driblar seu adversário para ficar em frente ao goleiro e fazer o gol que alegra toda a torcida, é possível falar assim pois o mesmo conseguiu burlar por algumas vezes a censura que o AI-5 empregava nas letras.

A exemplo de uma de suas canções onde pode se notar uma ambiguidade é “Jorge Maravilha” que tem nos versos: “É nada como um tempo após um contratempo Pro meu coração E não vale a pena ficar, apenas ficar Chorando, resmungando, até quando, não, não”³. Tais versos se encaixavam bem no que acontecia nas praças e casas, já que a população estava sofrendo e mesmo assim, ficava apenas resmungando pelos cantos, chorando enquanto esperava um dia melhor. Ainda falando da música, nos seguintes versos encontramos “E como já dizia Jorge Maravilha Prenhe de razão Mais vale uma filha na mão Do que dois pais voando”; a imprensa interpretou tal verso como uma indireta para o General do exército Geisel e sua filha, Amália Lucy que declaradamente assumiu ser fã do compositor. Tempos depois, Chico, em uma entrevista para Tarso de Castro, falou que não tinha pensado no então General, contudo, a revolta já estava armada por parte dos militares. Vale salientar que para lançar tal música Chico criou o pseudônimo de Julinho da Adelaide vendo que seu nome já era muito conhecido pelas autoridades após o lançamento da música “Apesar de Você”.

Buscando mais informações sobre o que poderia ter acontecido na década de 70, pude encontrar algumas entrevistas de Chico onde ele conta um pouco mais sobre o que ele viveu, quando perguntado sobre as músicas que teve que alterar por conta da censura, o mesmo respondeu:

Eu nunca faço isso. Quem faz são os censores, eu posso aceitar ou não.
Exemplificando: na letra da música Partido Alto, fui obrigado a trocar

³ BUARQUE, Chico. Jorge Maravilha. 1974. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45141/> visitado em 10/01/2021

a frase “eu nasci brasileiro” por “eu nasci batuqueiro”. Eu achei que não alteraria a música e você só tem uma opção: ou acata e troca a palavra que o censor não gostou ou não sai nada da censura. (CHICO, 1977).

Com essa entrevista para a revista *Versus* dá pra notar um pouco de como o DCDP agia com letras que iam contra o regime ou a moral. Na mesma entrevista é falado de como a censura criou uma nova nação e o entrevistador pede a Chico que ele atribui todo esse sentimento de vazio, onde o compositor responde de forma direta “Não há nenhum mistério nisto. Foi resultado da porrada de 68. (...) Não há aqui nenhuma condenação, pois isto é a consequência natural de um estupor e é bem possível que aconteça de novo” (Chico, 77).

No ano seguinte em uma entrevista para o folhetim – Folha de São Paulo, Chico voltou a falar das músicas dele:

Eu, lá, cantava *Construção*, *Deus lhe pague* e aquilo tinha uma função política efetiva, tenho consciência que tinha. Depois de um certo tempo, aí já não me satisfazia mais esse papel, porque parecia que eu estava jogando com um baralho falso, estava continuando a transformar um palco numa tribuna quando na verdade os problemas nacionais pra valer já podem ser discutidos, principalmente a partir do momento em que a imprensa começou a ser menos censurada. A grande mudança foi essa. Eu sou uma pessoa de oposição, não tenho simpatia nenhuma pelo governo... mas esse governo abriu a imprensa, e não abriu porque é bonzinho, foi forçado a abrir, mudou tudo no País. (Chico, 1978).

O AI – 5 foi um sistema criado pelo então governo do general Costa e Silva, no dia 13 de dezembro de 1968; esteve em vigência pelos 10 anos que se seguiram a partir daquele ano, terminando no dia 29 de dezembro de 1978. Com a instauração desse ato a aqueles que eram contra a ditadura foram cassados e assim uma grande dispensa de funcionários públicos, políticos e até mesmo a tortura se tornou presente na sociedade, surgiu nesse tempo ainda movimentos de jovens radicalistas que adotaram o lema “é proibido proibir” para si e saíram nas ruas reivindicando seus direitos.

Costa e Silva tinha centralizou então o poder em suas mãos e com isso podia tomar ações que antes a figura do presidente não tinha, eram elas

- Concedia poder ao Presidente da República para dar recesso a Câmara dos Deputados, Assembleias Legislativas (estaduais) e Câmara de vereadores (Municipais). No período de recesso, o poder executivo federal assumiria as funções destes poderes legislativos;
- Concedia poder ao Presidente da República para intervir nos estados e municípios, sem respeitar as limitações constitucionais;
- Concedia poder ao Presidente da República para suspender os direitos políticos, pelo período de 10 anos, de qualquer cidadão brasileiro;
- Concedia poder ao Presidente da República para cassar mandatos de deputados federais, estaduais e vereadores;
- Proibia manifestações populares de

caráter político; - Suspendia o direito de habeas corpus (em casos de crime político, crimes contra a ordem econômica, segurança nacional e economia popular). - Impunha a censura prévia para jornais, revistas, livros, peças de teatro e músicas³. (1968 – ATO INSTITUCIONAL Nº 5 – A REUNIÃO)

Ainda em 1968 o então Presidente da República Costa e Silva convoca uma reunião com os responsáveis pela segurança nacional onde pretende discutir as ações que serão implementadas na sociedade para buscar a paz e a harmonia para todos. Costa e Silva, (1968) “Mas chega o momento em que, acima da vontade de um homem, está o interesse nacional, a harmonia, a tranquilidade e a paz para o povo brasileiro”. Nesta mesma reunião e ainda coloca na mesa o seguinte pensamento:

pelo ato institucional, o que me parece, adotado esse caminho, o que nós estamos é com uma aparente ressalva da existência dos vestígios de poderes constitucionais existentes em virtude da constituição de 24 de janeiro de 1947, e instituindo um processo equivalente a uma própria ditadura. (1968 – ATO INSTITUCIONAL Nº 5 – A REUNIÃO).

Ainda nessa reunião tão importante para toda a população brasileira teve-se mais duas falas importantes, são elas: “eu também confesso, como vice-presidente da república, que realmente com este ato nos estamos instituindo uma ditadura. E acho que se ela é necessária, devemos tomar a responsabilidade de fazê-la.” (MAGALHÃES, 1968).
E por último:

Eu seria menos cauteloso do que o próprio ministro das relações exteriores, quando diz que não sabe se o que restou caracteriza a nossa ordem jurídica como não sendo ditatorial, eu admitiria que ela é ditatorial. Mas, as favas, senhor presidente, neste momento, todos, todos os escrúpulos de consciência.” (JARBAS PASSARINHO, 1968).

Ouvindo tais falas é inegável dizer que o que se teve na República Federativa do Brasil, foi de fato uma Ditadura. Nela, artistas e jovens foram perseguidos, presos, exilados e alguns até mesmo torturados. Temos uma ideia melhor sobre o que foi esse momento com a fala de chico:

Eu saí do Brasil dia 2 de Janeiro de 69, o AI-5 foi 13 de Dezembro de 68, foi quando fechou tudo, teve a censura, os jornais, a prisão de uma porção de gente. Alguns dias entre o AI-5 e a minha partida, a gente não tinha muita notícia de nada, havia uma boataria solta. A gente se encontrava nos bares e a tal, fulano foi preso, fulano não foi. Eu fui detido de manhã pelos soldados lá pelo dia 20 de Dezembro, passei um dia no quartel e me soltaram, mas me deixaram com a recomendação de não deixar a cidade do Rio de Janeiro sem uma autorização expressa de um coronel, e tinha o telefone do Coronel Atila Moura Sales para consulta-lo para isso, e eu tinha marcado uma viagem para Cannes, um festival, e o lançamento de um Disco em Roma, então pedi essa autorização e ela foi dada. Fui para Cannes e em seguida fui para Roma

com a intensão de ficar o tempo que durasse tudo, uma semana, quinze dias, no máximo. Recebendo as notícias de que estava acontecendo cada vez mais coisas esquisitas no Brasil, eu fui aconselhado a não voltar. Em determinado momento eu tive que tomar essa decisão. Eu com Marieta, minha mulher e tal. Como é que faz? Com nossa filha, ou nosso filho, Eu não sabia. ‘Vamos ficar aqui’. Não havia mais segurança para eu voltar para o Brasil.⁵ (CHICO, 2010).

A entrevista de Chico Buarque contribui para conseguir criar uma ideia do que realmente aconteceu com os artistas e a partir disso dissertar sobre o tema se tornou mais viável, tendo assim uma ideia do que foi ser um artista/músico nesse período. O que se podemos notar ainda é o cronograma que passando do AI-1 até o AI-5 foi uma crescente de transgressões contra os direitos humanos de artistas, trabalhadores, estudantes, etc.

Revisão Bibliográfica

Buscando compreender mais o que foi a censura, e como a mesma operou durante seu tempo de vigor, optamos pelas letras das músicas “Jorge Maravilha”, assim como “Apesar de Você” do compositor Chico Buarque de Holanda e seu pseudônimo de Julinho da Adelaide. Tendo um interpretação dos artifícios que o compositor usou para driblar a censura a partir desta composição é possível criar um paralelo com os demais e assim traçar uma linha de pesquisa que vá ao encontro dos métodos que os músicos usaram para conseguir lançar suas músicas; uma composição do mesmo autor que pode demonstrar consequências do que acontecia quando se ia contra o regime é “Cálise”, uma composição com Milton Nascimento que colocou os dois compositores como inimigos dos militares.

A análise do que foi o AI - 5 é algo indispensável para o trabalho, pois só assim será possível entender e conhecer os mecanismos usados pelos militares para conseguir censurar toda uma classe de artistas. A reunião de 1968 que aconteceu com o mais alto escalão de governantes da Republica Federativa do Brasil é um pilar para o desenvolvimento da problemática, entendo que logo após a mesma se deu inicio o ato institucional número 5. Lendo o que é falado pelos governantes é possível responder um questionamento que ainda nos dias de hoje intriga muitas pessoas que se perguntam se de fato aconteceu ou não um regime militar, nesta reunião temos a partir da fala de Jarbas Passarinho (Ministro do Trabalho): “Eu seria menos cauteloso do que o próprio ministro das relações exteriores, quando diz que não sabe se o que restou caracteriza a nossa ordem jurídica como não sendo ditatorial, eu admitiria que ela é ditatorial”. Não somente ouvir e ler a reunião de 1968, é saber o que nela foi discutido para assim ter uma compreensão do quão

importante foi essa data para toda uma nação.

Como uma leitura complementar trazemos José Reginaldo Gonçalves, em *A retórica da perda, Os discursos de patrimônio cultural no Brasil 1996*. O autor traz uma ressalva para os patrimônios da comunidade para uma formação de identidade nacional, e o que seria melhor para a formação dessa identidade que um objeto que é chegado a todos por um mesmo canal e ainda é capaz de levar uma reflexão direta ou indireta como a música. Seguindo ainda o pensamento sobre a música Saldanha⁷ vem falar em seu texto na formação de novos gêneros que surgiriam da misturas de ritmos e como a indústria, percebendo tal feito, logo se aproximou dos mesmo com a intenção de gerar lucro através desses novos ritmos e artistas que surgiam ali, se utilizando ainda de canais de Rádio e TV.

Ao ler *A Influência Musical Durante o Regime Militar* é possível citar a passagem “O controle ideológico foi vinculado por uma parcela da sociedade, fazendo com que o restante da mesma não tivesse condições de formular outra versão da realidade” (Ferrari, 2009, p. 10). Este pequeno trecho nos remete aos poucos que governavam e buscavam criar uma ideia de mundo perfeito enquanto a população seguisse o que fosse passado a eles. A ideia seria fazer uma lavagem nos pensamentos de todos para que assim não se voltassem as normas impostas ou até mesmo não se revoltassem contra o governo e assim buscassem uma nova revolução. O governo passava informações picadas para seu povo e assim não tinha como se forma uma ideia do que realmente estava acontecendo no país. Se utilizando dos canais de comunicação os militares se usaram da música e de propagandas para vender uma ideia de mundo ideal, já quando as revoltas começavam a se intensificar os militares passaram para um tom mais passivo/agressivo onde se colocaram como dominantes e buscavam através da força a aceitação das massas do seu lugar, os deixando assim sem voz ou atitude para com o governo.

Ferrari (2009, p. 11) diz que “Formadores de opinião contrários à política do governo foram ameaçados agredidos e neutralizados. O governo queria silenciar aqueles que pudessem exercer qualquer ação conscientizadora a respeito da realidade brasileira e suas contradições”. A partir do ano de 1969 as coisas começaram a se tornar mais agressivas aqueles que ousaram se opor ao governo, já que agora o AI-5⁴ estava em vigor e isso possibilitou ações como cassação de mandatos, o fechamento do Congresso Nacional. Para as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloísa Starling (2015, p. 455), “era uma

⁴Ato Instituição nº5. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ato-institucional-5/> visitado em 22 de mar 2021.

ferramenta de intimidação pelo medo, não tinha prazo de vigência e seria empregado pela ditadura contra a oposição e a discordância.” Um segundo ponto de vista sobre o que foi o AI-5 é o do historiador Kenneth P. Serbin (2001, p. 22) fala que, “por meio do AI-5, as forças de segurança do governo tiveram carta branca para ampliar a campanha de perseguição e repressão contra a esquerda revolucionária, oposição democrática e Igreja” por esta fala é possível falar da dicotomia que o mundo vivia no período da guerra fria, onde o mundo estava polarizado de uma forma como nunca antes e para manter seus interesses alguns políticos recorreram a meios desumanos.

Falando um pouco mais sobre o que foi o AI-5 vale mencionar o texto da Joelma Franklin para o site Politize, com o título de *Ato Institucional nº5: o que foi e qual seria o seu impacto em uma democracia?*. Desde texto podemos nos atentar a passagem:

Dessa forma, podia-se perceber uma concentração de poder no executivo paralela a um enfraquecimento do legislativo e do judiciário. E o que isso implica? Implica muito para uma democracia, que se baseia no equilíbrio entre os três poderes. Era justamente esse fortalecimento do executivo em detrimento dos outros dois poderes que caracterizava o regime ditatorial. (FRANKLIN, 2020).

Ao buscar se fortalecer o presidente Costa e Silva fechou de forma abrupta o Congresso ao mesmo tempo que fortalecia o poder em suas mãos e dissipava os que poderiam vir a se torna um problema para seus interesses, um verdadeiro jogo das cadeiras nos três poderes.

Segundo o site observatório da imprensa, “a censura aplicada após decretado o AI-5 foi forte e precisa. Na matéria especial sobre os 40 anos do AI-5, publicada pelo site Biz Evolution, foram vetados 500 filmes, 450 peças teatrais, 200 livros e 500 canções”. Não só as obras e os trabalhos artísticos dos autores sofreram represálias, mas os próprios artistas eram perseguidos, presos e até mesmo exilados, como foi o caso de Antonio Carlos Callado, Caetano Veloso e Gilberto Gil (FRANKLIN, 2020).

E com essas informações concedidas pela leitura, podemos ter uma melhor ideia do que foi tentar ir contra o governo da época, não somente na música, as artes cênicas também sentiram o duro golpe da ditadura. Tendo base teorica a partir do texto *A Influência Musical Durante o Regime Militar* vemos como os militares agiram com transgressão contra a população e complementando com o segundo texto *Ato Institucional nº5: o que foi e qual seria o seu impacto em uma democracia?* Vemos um pouco das consequências dos que ato do governo levou ao seu povo e todas as marcas que ficaram com aqueles que vivenciaram tal período de lutas e a busca por reaver seus direitos.

Aspectos teórico-metodológicos

A proposta deste trabalho é a análise de canções de Chico Buarque, tais como “Jorge Maravilha”, “Apesar de você” e citando outras duas músicas importantes e que foram marco para uma geração, a música “Cálice” com Milton Nascimento e “Vai Passar” que veio a ser lançada no ano de 1980, com esses exemplos aqui citados podemos ter uma ideia de como os compositores conseguiram driblar a censura. Chico, assim como vários outros cantores, usaram o artifício do jogo de palavras nas canções para criar músicas e versos com duplo sentido, de forma que não fossem vetados pelos censores com as palavras utilizadas e que também levavam suas mensagens à população, tentando mostrar-lhes o que viviam diariamente no governo militar da época. Com o auxílio de áudios/músicas, entrevistas do cantor da época é mais provável criar um panorama do que foi vivido pelos artistas e como estes lidam com tal opressão contra os direitos humanos.

Ao se aprofundar cada vez mais no tema, a escolha por um único artista se torna cada vez mais necessária para poder ter um foco central. Para fazer tal escolha é interessante ver qual a personalidade pública teve uma maior atuação durante esse tempo e qual a sua contribuição para a sociedade de uma forma totalizante. Buscando entender um pouco mais do que foi os anos 70 para toda uma população, foi possível encontrar o vídeo ANOS 70 – DITADURA, CENSURA, CONSUMISMO, COMUNICAÇÃO, 2011. Disponível no youtube o mesmo mostra um pouco de como o veto a música, teatro, jornal e outros aconteceu, com imagens para uma melhor compreensão do que se passou ali. Tentando dar ainda mais base para o trabalho, as entrevistas que Chico Buarque concedeu as revista Versus em 77 e ao folhetim da Folha de São Paulo 77 e 78, onde o cantor fala um pouco do que foi a censura na sua visão e como a mesma procurou interferir nas suas composições. Artigos encontrados em sites como A MÚSICA BRASILEIRA E A CENSURA NA DITADURA MILITAR, 2011, demonstram o panorama do país quanto aos compositores da época e serve como uma referência rica em detalhes para projetos e artigos que busquem falar sobre este tema.

Com a letra da música Apesar de Você, nos versos “Hoje voce é quem manda Falou, tá falado Não tem discussão, não” quando perguntado a quem se referia na música, Chico comentou que seria uma mulher mandona, prosseguindo nos versos temos ainda “Você que inventou esse estado E inventou de inventar Toda a Escuridão” o autor aqui buscar a reflexão com a escuridão que o regime militar trouxe para todos, fazendo alusão aos militares. “Você que inventou o pecado Esqueceu-se de inventar O perdão”, a criação

dos atos institucionais trouxeram consigo os “pecados” que porventura estiveram sempre ligados aqueles que eram contra o regime, os crimes inventados pelo Estado levaram a interpretação e muitos homens e mulheres as prisões, torturas e até mesmo a morte. “Apesar de você Amanhã há de ser Outro dia” com essas palavras o autor leva a esperança que dias melhores estão por vir.

Nos versos em que Chico canta *a gente se amando sem parar*, ele propositalmente deixa uma certa ambiguidade no ar. Deixando a interpretação que a música fala de um relacionamento, esse trecho reforça a teoria, fazendo com que a sua real intenção ficasse oculta aos olhos dos militares. É como se a opressão tivesse levado a felicidade embora e deixado somente a tristeza, mas, o cantor ressalta que esses ainda vão pagar cada lágrima rolada e volta a música com a esperança do refrão que diz “Apesar de você amanhã há de ser outro dia”.

Meses após o lançamento da música e a mesma conseguiu chegar a marca de 100 mil discos vendidos⁵, a censura vetou a canção, mas já era tarde, a música se tornou hino contra o regime e fez de Chico o inimigo número um da ditadura. Após isso o compositor criou o codinome Julinho da Adelaide com o qual lançou músicas como: “Acorda Amor”, “Jorge Maravilha” & “Milagre Amor”, aqui falaremos dos versos de Jorge Maravilha, Chico canta: “você não gosta de mim, mas sua filha gosta”, o que gerou a especulação de que Amália Lucy, fã declarada dele e filha de outro presidente militar, o general Geisel, tinha sido a *homenageada* da canção. Chico sempre negou que tenha composto a música para Amália. Uma segunda forma de ver este verso é, você não gosta de mim como uma maneira de falar que o Governo/Estado não gosta do compositor enquanto que sua filha gosta, neste caso seria a população os filhos da nação. “E nada como um tempo após um contratempo” mais uma vez o autor lembra da passagem do tempo e como o futuro pode ser melhor, “E não vale a pena ficar, apenas ficar Chorando, resmungando, até quando, não, não” no verso seguinte a canção que as pessoas agora estão tristes, contudo, ficar apenas resmungando e chorando não vai mudar nada, é necessário buscar maneiras de ir contra esses vetos.

Ja na música “Cálice” o autor começa com a seguinte sentença “Pai, afasta de mim esse cálice De vinho tinto de sangue”, o que pode ser visto como uma referencia biblica também foi entendido pela população como, cale-se, tornando um termo subversivo já que ao mesmo tempo que se entendido como algo religioso, é visto como uma ordem de

⁵ Apesar de você é o Hino da Resistencia. Memorial da democracia. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/apesar-de-voce-e-o-hino-da-resistencia> visitado: 14 Feb 2021.

uma pessoa a outra, seguindo ainda do vinho tinto que podemos entender como uma referencia aos que perderam a sua vida na luta contra a ditadura. Nos versos “Como beber dessa bebida amarga? Tragar a dor, engolir a labuta? Mesmo calada a boca, resta o peito Silêncio na cidade não se escuta”, Chico ainda faz um belo jogo de palavras com esta bebida amarga podendo ser o gosto amargo de não poder ir contra o governo e ter que engolir em seco toda a desigualdade criada entre as classes, assim como o a boca cala mas o peito clama por justiça assim como a cidade não se escuta, as pessoas já não podem mais sair a rua como o de costume e isso cria esse momento de silencio perturbado. E ainda temos os versos “Como é difícil acordar calado” novamente é citado o anseio pela fala engasgada na garganta que presa não pode sair por conta da repressão. “Quero lançar um grito desumano Que é uma maneira de ser escutado”, em momentos de lutar o desejo fala mais alto e mesmo que de uma forma irracional o autor busca deixar explicito o desejo pela luta vocal. Para ter uma visão de outro momento tem a música “Vai Passar” que diferente de “Cálice” é uma música mais otimista e podemos notar isso em seus versos: “Vai passar, Nessa avenida um samba popular, Cada paralelepípedo, Da velha cidade, Essa noite vai, Se arrepiar Ao lembrar”. Desde seu inicio Buarque vem com uma visão otimista do que vai acontecer, falando das lembranças da luta contra a ditadura. Vale lembrar que esta música saiu em 1980 e no inicio desta nova década as coisas começaram a se reajusta para todos. “Num tempo Página infeliz da nossa história Passagem desbotada na memória” o compositor aqui lembra da década mais dura da ditadura como uma historia que esta a desbotar e perde sua cor, assim como os militares perderam aos poucos o seu poder sobre os poderes, “Vem ver de perto uma cidade a cantar A evolução da liberdade Até o dia clarear” e assim Buarque vem demonstra a felicidade pessoal de ver a liberdade da fala e outros direitos retornando a todos... Já para finalizar ele termina com os seguintes versos “Ai, que vida boa, olerê Ai, que vida boa, Olará O estandarte do sanatório geral vai passar”.

Métodos

O método escolhido para o presente trabalho foi o qualitativo bibliográfico, através de leituras tanto de artigos como de letras musicais e até mesmo da íntegra da reunião que ocorreu no ano de 1968 do presidente então no poder Costa e Silva e todos os seus ministros. Buscou-se ainda manter o foco no campo da música como a mesma teve seu crescimento e firmou suas bases na sociedade. Para conseguir argumentar sobre o tema escolhido se fez necessário a busca por referências que auxiliassem e dessem subsídio para a elaboração e criação do trabalho aqui apresentado.

Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos. Portanto, difere da revisão bibliográfica uma vez que vai além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria, a compreensão crítica do significado neles existente. (SASSO de LIMA & TAMASO MIOTO, 2007, p. 37-45).

Tendo isso em mente a pesquisa bibliográfica é um desafio que exigirá do pesquisador uma maior dedicação para com a leitura das obras escolhidas já que este é o ponto chave para todo o desenvolvimento do trabalho. Mas este é um desafio que pode ser recompensado ao ver futuramente outras obras citando o seu trabalho e tendo ele como ponto de partida para uma melhor análise do assunto.

Finalizando, reafirma-se a pesquisa bibliográfica como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. (SASSO de LIMA & TAMASO MIOTO, 2007, p 37-45)

Referências bibliográficas

1968 – Ato Institucional Nº 5 – A **Reunião**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/reuniao/index.html> acesso em: 10 de jan. 2019.

AI-5 (Ato Institucional Número 5): O que foi o AI-5, Ditadura Militar no Brasil, determinações, história. Brasil. **Sua Pesquisa**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/ditadura/ai-5.htm> Acesso em: 10 Jan. 2019

ANOS 70 – DITADURA, CENSURA, CONSUMISMO, COMUNICAÇÃO, 2011. Brasil. **Youtube**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ShWHbILNpU4> Acesso em: 12 Fev. 2021.

A MÚSICA BRASILEIRA E A CENSURA NA DITADURA MILITAR, 2011. Brasil. **Vermelho Portal**. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/159935-11> Acesso em: 06 Fev. 2021.

Arantes, Paulo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira** – Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

A MÚSICA BRASILEIRA E A CENSURA NA DITADURA MILITAR, 2011. Brasil. **Vermelho Portal**. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/159935-11> Acesso em: 8 Jan. 2019.

BUARQUE, Chico. Jorge Maravilha. 1974. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45141/> visitado em 15 Jan 2019.

BUARQUE, Chico. Apesar de Você. 1970. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45184/#radio:chico-buarque> visitado em: 10 Fev 2021

CHICO BUARQUE E A DITADURA MILITAR, 2010. Brasil. **Youtube**, (02:53 min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nWpurtrYnek> Acesso em: 10 Jan. 2019.

CARDOSO, J; Paz, M. Folhetim – Folha de São Paulo 1978. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_folhetim_78.htm. Visitado em: 09 Fev 2021.

DITADURA MILITAR NO BRASIL. 2014. Brasil. **Sua Pesquisa**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/ditadura/> Acesso em: 05 Fev. 2021.

Entrevista a Tarson de Castro, Folhetim, Folha de São Paulo, 11/09/77. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_11_09_77.htm visitado em 05/02/2021.

Entrevista a Hélio Goldztein, Revista Versus, 08/09/77. Disponível em: http://www.chicobuarque.com.br/texto/entrevistas/entre_09_77.htm. Visitado em: 10 Fev 2021.

FRANKLIN, Joelma. *Ato Institucional nº5: O que foi e qual seria seu impacto em uma democracia?*. 21/09/2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/ato-institucional-5/> visitado em: 22/03/2021.

Gonçalves, José Reginaldo. **A identificação do Brasil**. In: _____. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/IPHAN, 1996. p. 37-61.

Julio Cesar Ferrari, Rafael Caluz Pereira. “**A INFLUÊNCIA MUSICAL DURANTE A DITADURA MILITAR Uma analogia musical nas transformações sociais**”. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, para obtenção do título de Licenciado em História. 2009.

Sasso de Lima Telma Cristiane, Regina Célia Tamasso Miotto. “**Procedimentos Metodológicos na Construção do Conhecimento Científico: A Pesquisa Bibliográfica**”. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007

Saldanha, Leonardo Vilaça. Música & Mídia – A música popular brasileira na Indústria Cultural. Trabalho apresentado no GT de História da Publicidade e da Comunicação Institucional, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloísa Murgel. Brasil: Uma Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 455.

SERBIN, Kenneth P. Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.22